

Documentação
 09/06/95
 24/9/95 Pg 8
 SERRAVALLE / AL DOURADOS
 851

Alcoolismo e prostituição levam guaranis à extinção

JOEL SANTOS GUIMARÃES
 Enviado especial

DOURADOS (MS) — Encurralados em suas reservas, os guaranis, que há cerca de 200 anos ocupavam 40% do que é hoje o estado de Mato Grosso do Sul, estão se prostituindo, bebendo e morrendo de tuberculose e de fome. Os mais desesperados com o processo de extinção de seu povo estão se suicidando. Só este ano, 37 índios se mataram e, desde 1985, 183 guaranis tiraram a própria vida, segundo relatório elaborado por técnicos da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Com reservas próximas aos centros urbanos e cortadas por rodovias, os guaranis foram atingidos pelo alcoolismo e a prostituição, que estão contribuindo para o processo de desagregação familiar. Os indigenistas da Funai ouvidos pelo GLOBO lembram que a miséria e a falta de perspectiva de sobrevivência nas reservas levam as mulheres e mesmo as adolescentes índias a saírem das aldeias para venderem seus corpos nas ruas da cidade de Dourados.

— Na minha aldeia o que plantamos não dá para todo mundo comer. Por isso, meu pai vai trabalhar numa fazenda próxima. Eu também ajudo: deixo minhas irmãs na aldeia e vou à noite para a cidade, onde faço programas em troca de R\$ 20 — conta a guarani M.L., de 13 anos, da reserva de Dourados, que com o dinheiro recebido em seu último programa comprou um estojo de maquiagem completo.

M.L. conta que no ano passado tentou se matar tomando veneno. Ela justificou seu gesto alegando que ficou desesperada quando um guarani tentou violentá-la quando ela lavava roupa em um riacho. Seu caso não é isolado.

O estupro, repudiado historicamente pelos índios, começa a surgir em algumas aldeias guaranis. Embora não existam números, alguns caciques guaranis reconhecem que esse tipo de comportamento tem aumentado.

A causa, segundo eles, é o consumo do álcool.

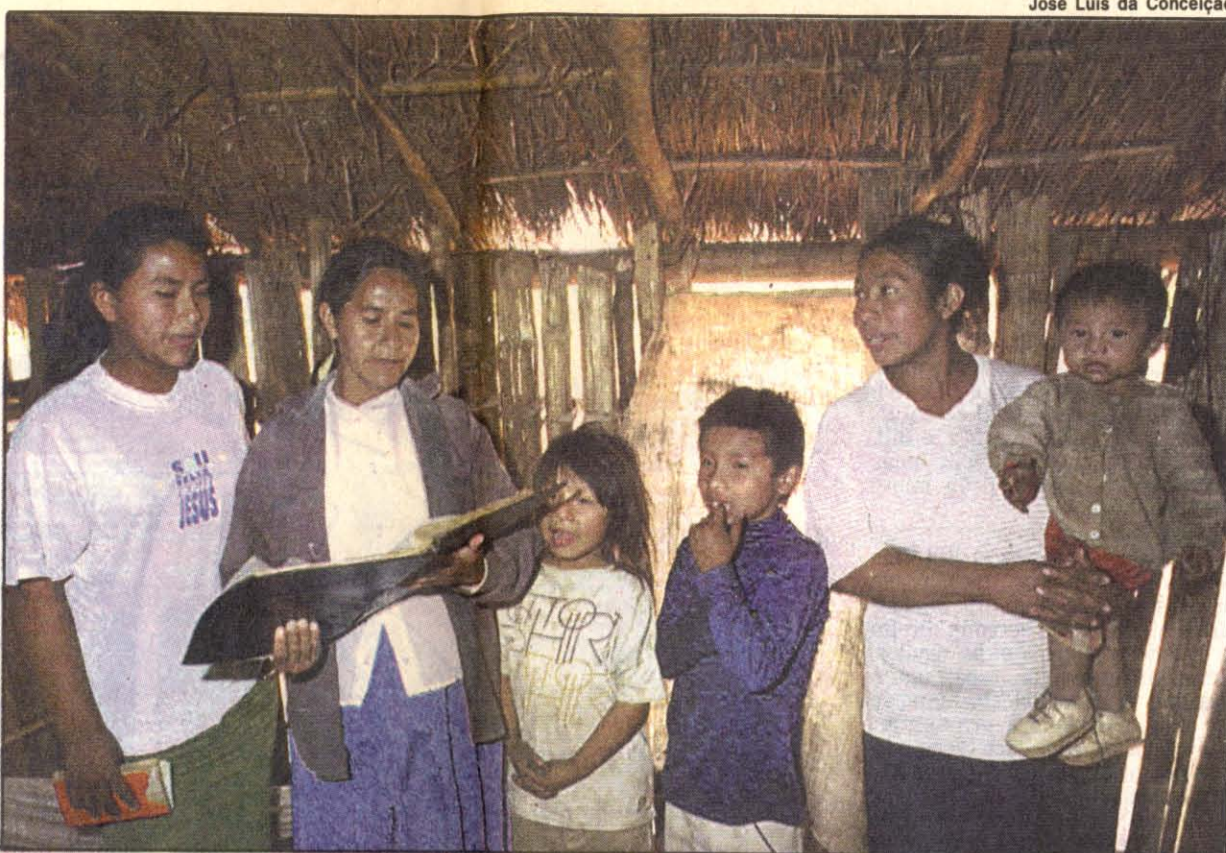
— Em todas as tentativas de estupro que aconteceram aqui na aldeia, o índio tinha voltado da cidade completamente bêbado — contou o cacique Silvio Paulo, da reserva de Caarapó, onde nove índios se mataram este ano.

Segundo o antropólogo Antônio Brand, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), embora ninguém possa dizer com certeza a razão da onda de suicídios entre os guaranis, o fato é que ela começou há cerca de dez anos e coincide com a invasão de suas terras por fazendeiros e grandes empresas agropecuárias. Hoje, a área das reservas dos guaranis não representa 1% do estado de Mato Grosso do Sul. E mesmo assim, os índios não a ocupam totalmente. Cerca de 12 mil hectares são usados por fazendeiros, que discutem na Justiça a posse das terras.

— Na reserva de Dourados, distante dez quilômetros do centro da cidade, vivem cerca de 9.500 índios em 3.500 hectares. Ou seja, há uma superpopulação que não permite ao índio tirar da terra seu alimento. Em consequência, ele sai da aldeia para trabalhar nas fazendas ou nas destilarias de álcool da região, em troca de salários miseráveis — disse Brand.

Confinados em 22 aldeias, em uma área de 27.200 hectares, os guaranis estão perdendo sua identidade como povo e correm o risco de em menos de 20 anos desaparecer como nação indígena. Nesse processo, não há espaço sequer para a solidariedade. Prova disso é que os caciques das aldeias recebem um percentual sobre o trabalho dos índios contratados por destilarias de álcool e fazendas.

— Os sobreviventes desse lento mas inexorável extermínio serão totalmente absorvidos pela chamada civilização branca. Hoje, os índios já adotam comportamentos dos brancos quando fazem algum negócio entre eles — alertou Maucir Pauletti, da regional do Cimi em Campo Grande.



Adultos e crianças guaranis convertidos à Igreja Pentecostal entoam cânticos religiosos na aldeia em louvor a Deus



Maria Teresa: tentativa de suicídio

Atuação das igrejas é tida como uma causa dos suicídios

A atuação das igrejas pentecostais nas áreas indígenas na Região Meridional do Mato Grosso do Sul é apontada pela Funai como uma das causas da onda de suicídios entre os guaranis. Pelo menos sete seitas, por intermédio de caciques convertidos, atuam nas reservas da região de Dourados.

— Eles se aproveitam do misticismo dos guaranis e mostram para eles um Deus que não tem nada a ver com a crença e os valores religiosos dos índios, o que acaba confundindo a cabeça deles. Muitos se matam por isso — disse o administrador regional da Funai em Amambai, Virgílio Clemente da Silva.

Proibidos de entrar nas reservas, os pastores evangélicos aproveitam a constante presença dos índios nas cidades e vilarejos das imediações para convertê-los. Eles são então nomeados auxiliares dos pastores e começam a fazer pregação entre os membros da tribo. A influência das seitas entre os índios foi tamanha que, no ano passado, caciques de várias aldeias decidiram proibir a presença de igrejas ou pastores nas áreas da reserva. Mas a influência continua.

Maria Tereza, mulher do cacique Silvio Paulo, da reserva de Caarapó, garante que deixou de beber depois que encontrou Jesus. Por isso, ela organiza um culto diário na aldeia.

— Às vezes confundo o que a Bíblia e o pastor me falam com que os rezadores antigos da nossa tribo nos diziam — contou a mulher, acrescentando que no tempo dos rezadores guaranis a vida era mais calma e ninguém tinha medo da vingança divina se cometesse algum pecado.

Donos de um território bastante amplo, que se estendia pela Região Oriental do Paraguai e pela Grande Dourados (MS), numa área de aproximadamente 40 mil quilômetros quadrados, os índios guaranis hoje estão confinados em pequenas reservas. Sem terras suficientes para plantar, acabam sendo utilizados como mão-de-obra barata para os fazendeiros e donos de usinas que usurparam suas terras, segundo Antônio Brand, antropólogo do Cimi, que há mais de dez anos estuda a cultura dos guaranis.

— Para as sociedades indígenas, a terra é muito mais do que um simples meio de subsistência. Ela representa uma suporte de vida social e está diretamente ligada ao sistema de crença e conhecimento — diz Brand. (J.S.G.)

Última vítima tinha 10 anos

CAARAPÓ (MS) — Há dias, a indiazinha guarani Guilhermina Escobar não fala nem se alimenta direito. Acorda à noite gritando o nome da irmã Fortunata, que na manhã de domingo passado se enforcou dentro de casa, enquanto a garotinha brincava do lado de fora. Fortunata tinha 10 anos e cuidava da irmã caçula enquanto Lurdes, a mais velha, lavava roupa num rio próximo. Aproveitando-se da ausência das irmãs mais velhas, Fortunata amarrava a alça de uma bolsa de couro na madeira de sustentação da maloca, atando a outra extremidade em seu pescoço, e pulou. Morreu asfixiada.

— Guilhermina estranhou a demora de Fortunata para sair e brincar com ela e foi procurá-la. Quando entrou viu Fortunata enforcada. Ela saiu correndo e gritava muito — conta Antônia, a irmã do meio.

Segundo Antônia, desde o dia do suicídio, a pequena guarani vive calada. Às vezes chora e faz apenas uma pergunta: “A Fortunata morreu, né?”

As irmãs Escobar moram com o pai, o guarani Epifânio Escobar. Quando a filha morreu, Escobar estava trabalhando em uma usina de álcool, a exemplo de outros 1.500 índios. Como a mulher, Benedita, morreu no ano passado, ele deixava a casa aos cuidados de Lurdes.

— No mesmo dia em que ela morreu, nós a enterramos. Meu pai veio, providenciou nossa mudança para outra casa e voltou para a usina — conta Antônia. Os guaranis não gostam de co-

mentar suicídios. Na aldeia de Caarapó, uma das mais miseráveis, foram registrados este ano nove casos, quatro de crianças. O cacique Silvio Paulo atribui o fato à tristeza do seu povo ao fato de não existirem mais “nanduru” entre eles.

Segundo o livro “Povos Indígenas no Mato Grosso do Sul”, de Olívio Mangolin, editado pelo Cimi, nanduru (“nosso pai”) é um líder religioso, um rezador. Hoje não há mais rezadores, que estão sendo substituídos pelos pastores de várias seitas evangélicas que atuam na região.

— Briguei com meu marido, bebemos muito e fiquei muito triste. Daí, ouvi uma voz dizendo que eu devia me matar. Tomei veneno mas não morri. Hoje estou arrependida, sinto falta de nossas rezas. Por isso, vou aos cultos da igreja — conta Maria Tereza, mulher do cacique Silvio Paulo.

Tristeza, a separação do marido e a falta de comida foram os motivos que levaram Braulina Isnarde, de 20 anos, a tomar veneno há dois meses. Ela conta que deixou a aldeia com o marido Júlio para morar em Presidente Epitácio (SP), onde ele arranhou emprego.

— Júlio começou a beber e brigávamos muito. Resolvi voltar para morar com minha mãe e dois irmãos, mas na aldeia não havia comida para todos e a gente passava fome. Um dia resolvi me matar. Estava cansada de ver meu povo sofrer — conta Braulina. (J.S.G.)

Tuberculose: mal que prolifera nas aldeias

DOURADOS (MS) — Desde o início do ano, cerca de 15 guaranis morreram tuberculosos. No Hospital da Missão Caiua, em Dourados, metade dos cem leitos disponíveis são destinados a índios que contraíram a doença. Em 1994 o hospital atendeu 550 casos. Este ano já foram registrados 450.

— Há muito não registrávamos tantos casos da doença entre os guaranis da reserva de Dourados. A superpopulação da aldeia e a falta de comida para todos certamente contribuiu para o aumento dos casos — disse ao GLOBO o pastor Benjamim Benedito Bernardes, diretor administrativo da missão, mantida pela Igreja Presbiteriana Independente.

Além dos 50 índios, adultos e crianças, que estão internados na ala dos tuberculosos, há na reserva outros 70 que tiveram a doença diagnosticada. Mas eles se recusam a se tratar, pois sustentam suas casas trabalhando como bóias-frias.

— Alegam que se ficarem meses no hospital seus filhos não terão o que comer. É muito comum os índios internados fugirem — conta o pastor.

É o caso de Benedito Oliveira, de 45 anos, internado na ala dos tuberculosos. É a terceira vez que retorna para o hospital. Fugiu duas vezes, antes de o tratamento terminar.

— Não fugi. Precisei ir para casa para ver se minha mulher e meus dois filhos estavam tendo o que comer. Trabalhei um tempo e agora voltei porque estou muito fraco — explica ele.

Além da tuberculose, o hospital atende pelo menos cem índios por dia, a maioria em estado crônico de subnutrição, diz o pastor. Muitos acabam voltando mais tarde, com tuberculose.

A promiscuidade nas aldeias provocou também a proliferação de doenças transmitidas sexualmente. (J.S.G.)